

Brasil vai brigar nos EUA por mais dinheiro de fraudes

Após ganhar direito de ficar com bens de Jorgina, país vai à Justiça americana para reaver 18 milhões desviados do CNPq

Nelito Fernandes

• O Governo brasileiro pode reaver US\$ 18 milhões em mais um julgamento nos Estados Unidos. José Mauro Fontes, suspeito de ser membro de uma quadrilha que desviou dinheiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 1988 a 1990, será julgado em

17 de março. Fontes teria se associado ao diretor de planejamento de gestão do CNPq, Adrian Ricardo Levinson, e ao empresário Alexandre Angel Carazo em três golpes. Segundo o procurador-chefe do CNPq, Airton Rocha, Adrian comprava peças em empresas fantasmas dos dois cúmplices no exterior.

As mercadorias, com preços

superfaturadas, não chegavam ao Brasil ou chegavam em menor quantidade que a comprada. A procuradoria quer aplicar uma lei americana que multiplica por três o reembolso no caso de fraude com dinheiro público, aplicada contra Jorgina Fernandes, fraudadora do INSS: um tribunal da Flórida decidiu que o Brasil pode reaver os bens que ela pos-

sa ter nos Estados Unidos até US\$ 100 milhões. Se conseguir o mesmo em março, o Brasil receberá US\$ 54 milhões.

Em 1988, Adrian pagou US\$ 6,9 milhões por 23 toneladas de pó de quartzo da empresa Inter Trade Inc., de Miami, de José Mauro Fontes. Uma auditoria descobriu que o material, na verdade, fora comprado numa firma de Mineá-

polis e custara só US\$ 436 mil. Adrian autorizou o pagamento de US\$ 5,9 milhões à Precision Consultance, de Hong Kong, de seu amigo Alexandre Carazo. O dinheiro seria usado na compra de componentes para fazer baterias; mas só chegaram aparelhos usados, avaliados em US\$ 35 mil. O terceiro golpe foi de US\$ 6,5 milhões, repassados à empresa Sto-

nely Company, de José Mauro, para a construção de uma fábrica. O projeto, que não foi adiante, seria executado no Brasil pela Gretisa, controlada pelo grupo. O julgamento será nos Estados Unidos porque José Mauro e Carazo moram lá. Adrian mora em São Paulo e, procurado pelo GLOBO, não retornou a ligação. O grupo será julgado no Brasil em maio. ■